

Entrevista com o Comandante do Exército da Colômbia General Jorge Enrique Mora Rangel

Major Richard Procell, Exército dos EUA

O soldado dos soldados da guerra colombiana. Conduzindo o que muitos observadores catalogam como uma “nova, motivada e muito eficiente” organização, o Comandante do Exército, General Jorge Enrique Mora Rangel, é o homem que garante que “toda guerra que for travada é para ser vencida”. A entrevista conduzida pela Military Review foi baseada neste e em outros temas.

O Editor-Chefe das Edições Ibero-Americanas da *Military Review*, Major Richard Procell, teve o privilégio de conversar com o General Mora durante sua recente visita ao Forte Leavenworth. Temos a grande satisfação de apresentar a seguir a entrevista realizada nessa ocasião com este ilustre oficial colombiano.

MR: Antes de mais nada, gostaria de aproveitar esta oportunidade para oferecer-lhe as nossas mais sinceras felicitações por ocasião do seu ingresso na Galeria de Honra dos Oficiais Internacionais graduados pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos.

O enfoque de nossa entrevista fundamenta-se no estudo da situação da guerra que a Colômbia atravessa atualmente e o papel que vem desenvolvendo o seu Exército. As áreas específicas a serem abordadas são as

seguintes: a ameaça, o adestramento da força, o Plano Colômbia, os paramilitares, os direitos humanos e o futuro.

Quanto à ameaça, durante décadas, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o Exército de Libertação Nacional (ELN) têm demonstrado ser insurgentes tenazes, persistentes e pacientes. Hoje em dia, ambos, tanto as FARC como o ELN, estão mais capazes por sua união ao narcotráfico e, aparentemente, a outras organizações criminosas internacionais. Começando com as FARC, o que o senhor acredita serem seus objetivos políticos, sua estratégia militar e como pretendem alcançá-la.

GEN Mora: Debruçando-me sobre a história posso dizer que esses movimentos guerrilheiros nasceram na década de 60, respaldados na doutrina comunista e,



portanto, tinham uma ideologia. As Forças Armadas Revolucionárias Comunistas identificavam-se com o que se denominava a linha de Moscou; o Exército de Libertação Nacional, com a linha cubana. Durante todos esses anos seu crescimento, tanto qualitativo como quantitativo, foi importante. Com a chegada à Colômbia do problema da droga (marijuana – coca – amapola) esses movimentos foram se envolvendo mais no negócio da droga, resultando na perda de sua base política.

Esta situação fez com que perdessem cada dia mais seu fundamento político, e o povo que diziam defender no princípio, foi se constituindo em vítima de suas ações terroristas. Igualmente seu comprometimento cada vez maior em todas as etapas do narcotráfico os converteu em movimentos economicamente poderosos no que diz respeito a sua capacidade de adquirir todo tipo de armas e recursos no mercado negro internacional.

MR: De 1995 até hoje, esses movimentos cresceram?

GEN MORA: Com o passar dos anos as FARC cresceram em número de homens e de meios, tendo atualmente cerca de 16.000 homens armados. Traçaram algumas estratégias e planos que, segundo eles mesmos, devem conduzi-los à conquista do poder e mudar o sistema democrático dos colombianos. O ELN tem atualmente uns

4.500 homens em armas, regularmente equipados e com seus projetos de mudar o sistema democrático.

A maioria de suas ações são realizadas por meio de ataques terroristas contra a infra-estrutura energética (destruição de oleodutos e torres de energia), destruição de pontes, ataque a populações (destruição de casas, igrejas, prefeituras, bancos, etc.) seqüestros de pessoas e aeronaves, incêndio de veículos, massacres, constituindo-se a população civil, os camponeses, nas principais vítimas. São organizações que não contam com o respaldo e nem o apoio da população (de acordo com as pesquisas de opinião nacionais, apenas 2% dos colombianos os apóiam). São grupos terroristas que atemorizam a população

com o armamento obtido por intermédio do poder econômico do narcotráfico.

MR: Poderia discorrer sobre os esforços internacionais das FARC?

GEN MORA: Devido ao caráter terrorista de suas ações contra a população essas organizações efetuaram, através dos anos, contatos e intercâmbios com outros grupos terroristas do mundo. Estes intercâmbios representam a aquisição de conhecimentos de técnicas de combate, mas especialmente receberam instrução e treinamento para a construção e emprego de explosivos e artefatos não convencionais que causam um grande dano no campo de batalha. Todos os sistemas de

Posso dizer que esses movimentos guerrilheiros nasceram na década de 60, respaldados na doutrina comunista e, portanto, tinham uma ideologia. As Forças Armadas Revolucionárias Comunistas identificavam-se com o que se denominava a linha de Moscou; o Exército de Libertação Nacional, com a linha cubana. Durante todos esses anos seu crescimento, tanto qualitativo como quantitativo, foi importante. Com a chegada à Colômbia do problema da droga (marijuana – coca – amapola) esses movimentos foram se envolvendo mais no negócio da droga, resultando na perda de sua base política.

armadilhas e explosivos utilizados no Vietnã e em El Salvador estão sendo utilizados na Colômbia. Em 2001 foram capturados 3 integrantes do Exército Republicano Irlandês (o IRA), peritos na construção de armas e artefatos explosivos, que estavam ensinando suas técnicas às FARC.

MR: Quão importante é a guerra psicológica, a propaganda e as atividades de desinformação para as FARC?

GEN MORA: Quando esses movimentos contam com o respaldo popular e lutam pela defesa do seu povo, pode-se dizer que estão travando uma guerra revolucionária com uma finalidade política. Porém, este não é o caso dos movimentos colombianos porque, como disse anteriormente, perderam sua concepção política, estão atacando, assassinando e seqüestrando a população civil, principal vítima dos atos terroristas. Suas ações estão fundamentadas no temor, o terror que produz sua capacidade armada. Suas atividades de guerra psicológica e de propaganda baseiam-se no resultado de

O Exército colombiano iniciou aproximadamente há 3 anos um processo de reestruturação que implica em profundas mudanças na Instituição. . . . Como produto desta reestruturação foi organizada nossa Força de Desdobramento Rápido formada por três brigadas móveis e a Brigada de Forças Especiais, com um total de 5.000 homens, que baseiam o seu emprego nos conceitos militares de massa e mobilidade.

seus atos terroristas e de força que logicamente produzem intimidação.

MR: O senhor pensa que as FARC estão realmente interessadas em um pacto de paz, em um acordo de paz com o governo colombiano?

GEN MORA: As atitudes, pronunciamentos e façanhas das FARC nos levam a concluir que não têm intenções de chegar à paz que os colombianos desejam; parece que o seu maior interesse é empregar o tempo disponível no processo de fortalecimento militar da sua organização. Se verdadeiramente estivessem interessados na paz, as mensagens enviadas pela organização aos colombianos seriam gestos de paz, mas o que estamos observando é o seu fortalecimento militar por meio do recrutamento de mais combatentes, a compra de 10.000 fuzis no mercado negro (AK-47), e ultimamente há muita especulação

sobre a aquisição de mísseis terra-ar; portanto é fácil concluir que continuam fortalecendo sua capacidade militar para atingir suas metas e propósitos.

MR: Na sua opinião, que concessões o governo teria que fazer para conseguir satisfazer a liderança das FARC e chegar a um acordo de paz?

GEN MORA: Acredito que não se trata de satisfazer a organização terrorista das FARC. O governo colombiano está liderando um processo de paz, procurando a solução para a guerra que essas organizações declararam ao povo; é a busca pela paz desejada pelos colombianos que o nosso Presidente está procurando alcançar com veemência e persistência dentro do cânones constitucionais.

MR: As operações realizadas em 7 de agosto de 2001, onde foram mobilizadas 3.000 militares em 48 horas, são sinais de atividades similares futuras do Exército colombiano?

GEN MORA: O Exército colombiano iniciou aproximadamente há 3 anos um processo de reestruturação que implica em profundas mudanças na Instituição. Nosso Presidente comprometeu-se com o processo de paz e, simultaneamente, com o fortalecimento e a transformação das Forças Militares.

Como produto desta reestruturação foi organizada nossa Força de Desdobramento Rápido formada por três brigadas móveis e a Brigada de Forças Especiais, com um total de 5.000 homens, que baseiam o seu emprego nos conceitos militares de massa e mobilidade.

As ações a que você se refere foi a operação “7 de agosto”, onde mobilizamos aproximadamente 3.000 homens, em pouco tempo, contra uma coluna das FARC que se deslocava para a realização do que eles chamavam uma “campanha”. Esta coluna estava integrada por 2.000 combatentes das FARC. Foi uma operação bem-sucedida com excelentes resultados que permitiu neutralizar os planos terroristas; o comandante da coluna foi morto e a mesma ficou totalmente desorganizada.

MR: Com respeito ao adestramento do Estado-Maior no nível Brigada e Divisão, comparando os anos 95-98 com a presente organização do Exército colombiano, é evidente que estão operando de uma forma muito diferente daquela época. General, o que pode nos dizer sobre o adestramento que recebem os oficiais de Estado-Maior?

GEN MORA: Em primeira instância gostaria de dizer que o Estado-Maior do Exército foi reestruturado permitindo-nos uma melhor liderança no planejamento das operações neste nível. Nossas escolas, em todos os níveis, sofreram mudanças importantes, emprestando-se maior ênfase no estudo e análise das lições apre-

endidas de todas as ações que são realizadas no campo de batalha, especialmente no relacionado ao planejamento. Temos trabalhado intensamente para que os nossos estados-maiores não apenas se esforcem no planejamento, mas que realizem um permanente acompanhamento no desenvolvimento, na condução e direção das operações planejadas. Acredito que estamos sendo bem-sucedidos e contamos com estados-maiores comprometidos em todas as etapas da guerra e das operações.

MR: O planejamento em conjunto vai ser a norma?

GEN MORA: *A guerra que estamos travando nos está demonstrando que temos que operar conjuntamente. Se cada uma das Forças ou Serviços realiza as operações de forma independente não podemos garantir que os objetivos sejam alcançados. Depois de tantos anos temos obtido muita experiência nesta guerra. Por exemplo, a maioria de nossas operações de “assalto*

mar colinas numerosas para realizar ataques de uma certa magnitude que exigiram a realização de operações no nível brigada com o emprego de meios de apoio importantes. Mas pelas mesmas características da guerra que estamos travando, onde o inimigo não tem capacidade de conquistar e manter o terreno e enfrentar o Exército regular em combate, temos conseguido executar as operações pelo tempo necessário com os meios disponíveis.

No entanto, sobre a experiência das operações neste nível posso ressaltar a grande importância do planejamento logístico para manter as operações; acredito que deve-se dar a maior importância possível a esta parte da guerra.

MR: A respeito do potencial de trabalhar e operar em operações descentralizadas, inclusive o terrorismo urbano, como está o Exército colombiano preparando-se para enfrentar esta situação?

GEN MORA: *Na história dos conflitos temos os exemplos do Vietnã e de El Salvador. No desenvolvimento destas guerras ocorreu a urbanização do conflito, em outras palavras levar a guerra para as cidades. Depois disso, se apresentam as famosas ofensivas que regularmente são contra as cidades mais importantes, incluindo a capital e se supõe que depois chegará o final da guerra.*

Já analisamos e estudamos a história como também os planos destas organizações; estes planos nos indicam que querem repetir as ocorrências das duas guerras mencionadas. Portanto, estamos nos preparando para essas etapas da guerra, mas aspiramos que com a nossa decisão, com a reestruturação pela qual estamos passando, com a capacidade que estamos adquirindo e com o apoio e res-

paldo do nosso povo, a situação da guerra na Colômbia não chegará a essas etapas de evolução dos conflitos.

MR: Parece que o Plano Colômbia não alcançou o apoio político e econômico internacional, esperado. Em sua opinião a que se atribui isto?

GEN MORA: *O problema da droga é um problema do mundo, é uma situação de oferta e procura onde o compromisso deve ser tanto dos países produtores como dos consumidores. O Plano Colômbia é uma necessidade vital na luta contra as drogas. Nós sempre combatemos a droga, os grandes cartéis foram destruídos na Colômbia, mas o importante é que agora temos um plano integral que abarca todos os aspectos que devem levar a obter resultados positivos. O Plano tem um componente militar que não chega a 25% do mesmo, a*



aéreo” é noturna e para isto se requer experiência, coordenação e planejamento conjunto porque participam tropas do Exército, helicópteros de transporte do Exército e helicópteros e aeronaves da Força Aérea que prestam o apoio de fogo. Sem dúvida, já está demonstrado que tanto o planejamento como a execução requerem a participação de todas as Forças.

MR: As operações nos níveis divisão e brigada ainda aparentam ser de curta duração. Que recursos o senhor prevê para que possam ser alcançadas operações de grande duração nestes níveis?

GEN MORA: *A guerra de guerrilha se caracteriza pelo emprego de pequenos grupos com grande mobilidade que efetuam o golpe ou o ataque e se retiram, sem permanecer engajados. Pela duração do nosso conflito e o crescimento desses agrupamentos, conseguiram for-*



parte mais importante tem a ver com a ajuda aos problemas do tipo social, de auxílio aos camponeses, a obtenção da erradicação voluntária, o fortalecimento da justiça e a proteção dos direitos humanos da população que está envolvida no cultivo da droga. Creio que a incompreensão em relação ao plano seja a falta de conhecimento do problema e a sua difusão como sendo um plano de caráter militar por parte das organizações encarregadas, o que não é certo. O Plano Colômbia sairá vitorioso e poderemos mostrar os resultados positivos.

MR: A respeito da região latino-americana, em particular os países fronteiriços, desde o início do Plano Colômbia houve uma preocupação de que não apenas a guerrilha iria infiltrar-se em outros países, mas a produção da coca, em particular, também passaria para outras nações. Qual a sua opinião sobre isso?

GEN MORA: Acredito que esta seja uma preocupação geral. Há alguns anos não tínhamos na Colômbia os cultivos da coca que existem hoje, nem tampouco produzíamos cocaína. Com o passar do tempo nos constituímos em um dos países com as maiores áreas de cultivo da coca e de maior produção de cocaína. Todos devemos nos comprometer e cooperar para eliminar este flagelo e neutralizar o crescimento de cultivos em qualquer território. Temos a obrigação moral e a capacidade de solucionar este terrível problema com o auxílio da comunidade internacional.

MR: Historicamente existiam as organizações de autodefesa, inclusive as legitimadas pelo governo, como as “convivir”, para proteger-se da guerrilha. Era tarefa do governo autorizar seu funcionamento. Poderia nos dizer alguma coisa sobre a relação entre o Exército e essas organizações?

GEN MORA: As autodefesas existiam legitimamente há muitos anos. Sua formação tinha por base a população camponesa que se organizava para defender suas casas e aldeias dos ataques guerrilheiros. Com a chegada do problema da droga à Colômbia (marijuana, cocaína e heroína) e a formação dos cartéis surgiu o enfrentamento entre estes e a guerrilha pelo domínio territorial. Os cartéis fizeram uso das autodefesas para enfrentar a guerrilha e surgiu um processo de corrupção das mesmas. Os cartéis as fortaleceram militarmente, abandonaram seu conceito defensivo e passaram a ser organizações com um caráter ofensivo delinqüente. Diante desta situação o governo as declarou fora da lei e passaram a ser clandestinas. Posteriormente o governo colombiano autorizou a formação de organizações que se denominaram “CONVIVIR”, compreendidas por civis de pequenos vilarejos e cidades cuja filosofia era apoiar a Polícia e o Exército com informação e comunicação oportuna de qualquer feito ilícito para que fossem tomadas as devidas ações preventivas ou repressivas pelas Forças do Estado. Esta ex-



periência não funcionou, sua duração foi muito curta.

Na atualidade não existem legalmente as “autodefesas”, e as que existem são ilegais. Qualquer um poderia perguntar-se então porque existe o fenômeno das autodefesas na Colômbia. A resposta é: pelo caráter intimidante, ameaçante, destrutivo e terrorista da guerrilha que está destruindo, assassinando e atacando o próprio povo a que diz defender. Portanto é uma resposta da população à atitude delinqüente e terrorista da guerrilha.

Ao Exército incumbe travar esta guerra contra a guerrilha e as autodefesas em defesa do nosso povo.

MR: Existem militares que colaboram com os insurgentes?

GEN MORA: Nessas guerras de caráter interno pode-se apresentar o fenômeno da infiltração em nossas filas de simpatizantes tanto da guerrilha como das autodefesas. Quando isto ocorre são tomadas as decisões disciplinares ou penais que nos corresponde, e os responsáveis são expulsos da Instituição. Neste tipo de conflito um dos aspectos mais importantes é a legitimidade do Exército e isto pode ser obtido com uma Instituição disciplinada, de elevado moral, integrada por homens honestos e respeitosos que demonstram ao seu povo o compromisso pela sua defesa.

MR: O Exército ou as Forças Armadas estão processando os membros de suas forças que estão se afiliando ou envolvidos. O senhor acha que o fato de existir gente

das Forças Armadas comprometida, colaborando com os paramilitares e a guerrilha, deve justificar ou justifica negar apoio político e/ou econômico da comunidade internacional ao governo colombiano?

GEN MORA: Não. A comunidade internacional entende que estamos travando uma guerra contra as drogas e contra algumas organizações que estão causando muito dano à nação. O que a Colômbia precisa neste momento é do apoio de toda a comunidade internacional. A Colômbia é um país que quer viver em paz, existem muitas necessidades nos campos econômico e social, nosso povo necessita de mudanças, e é isso que o nosso Presidente e o nosso governo estão procurando fazer. Os mais pobres e humildes são os que mais padecem com a guerra. Felizmente o Exército conta com um apoio muito grande. Nas pesquisas de opinião realizadas nos últimos anos, o Exército ocupa o primeiro lugar, o número um em confiança e prestígio entre todas as Instituições da Colômbia. Este fato demonstra para a comunidade internacional que o povo quer e respalda o seu Exército.

MR: Poderia comentar sobre o esforço de comunicação social do Exército colombiano?

GEN MORA: No tipo de guerra que estamos travando existe a necessidade de informar o povo sobre o que estamos fazendo e como. Se o povo conhece os pormenores da guerra que está sendo travada, passa a apoiar suas instituições; e isso é o que está ocorrendo



no País. Os sistemas de comunicação social pertencentes ao Exército têm permitido à população conhecer bem de perto o comportamento da guerrilha e das autodefesas, o grande dano que estão causando ao País e a forma como está operando o Exército em defesa e a favor do seu povo. Portanto, o grande respaldo, sincero e espontâneo, da comunidade é decisivo para vencer a guerra. Contamos com uma rede de 23 emissoras,

permite estar perto da população, bem como da guerrilha e das autodefesas, a quem enviamos as mensagens para que abandonem a destruição do nosso povo.

MR: O senhor poderia nos falar um pouco sobre os avanços, sobre as contribuições, que foram feitos no recrutamento? Entendo que existe um oficial de direitos humanos em cada um dos batalhões colombianos.

GEN MORA: O tema sobre direitos humanos é fundamental. Em um país em guerra como o nosso tem ainda maior importância. Temos certeza que se contarmos com o coração, o apoio e o respaldo do povo colombiano para com o seu Exército, venceremos esta guerra. A forma de obter o apoio e o respaldo é respeitando os direitos do povo. Para chegar a este ponto, tivemos de implementar importantes mudanças. Formar uma consciência de respeito entre todos os nossos homens. Em todos os batalhões do Exército há um oficial ou subtenente encarregado do escritório de Direitos Humanos. Realizamos seminários, conferências e contamos com o apoio da Cruz Vermelha, Nacional e Internacional, que realiza conferências nas unidades. A Cruz Vermelha Internacional tem uma presença muito

O Exército elaborou em várias unidades uma “pista de direitos humanos”. Assim como os soldados passam pela pista de Infantaria, de ginástica e de treinamento físico, montamos uma “pista de direitos humanos” que tem mais ou menos umas dez ou doze oficinas. Em cada uma delas o soldado encontra uma situação onde tem de definir sua reação quanto ao respeito à população e à aplicação das normas do Direito Internacional. Humanitário. Em suma, nossos soldados sabem como atuar e como desempenhar-se no campo de batalha.

que formam a cadeia radial do Exército, ligadas via satélite e que transmitem para todo o território nacional mensagens e informações institucionais que nos

grande e muito importante na Colômbia, conhece em sua totalidade a forma de atuar do Exército. Nossos soldados se preparam muito bem, conhecem o

respeito que devemos ter para com o nosso povo e as normas do direito internacional humanitário.

O Exército elaborou em várias unidades uma “pista de direitos humanos”. Assim como os soldados passam pela pista de Infantaria, de ginástica e de treinamento físico, montamos uma “pista de direitos humanos” que tem mais ou menos umas dez ou doze oficinas. Em cada uma delas o soldado encontra uma situação onde tem de definir sua reação quanto ao respeito à população e à aplicação das normas do Direito Internacional Humanitário. Em suma, nossos soldados sabem como atuar e como desempenhar-se no campo de batalha. Nossos oficiais e subtenentes em todas as escolas do Exército recebem um número significativo de horas de instrução sobre o assunto, oferecido pela Cruz Vermelha colombiana, por universidades civis e pelos convênios com outros países que nos apóiam na capacitação de nossos homens.

Creio que o grande progresso alcançado pelo Exército da Colômbia tem sido reconhecido pela comunidade internacional e pelas organizações não-governamentais de direitos humanos. A melhor mostra e o mais importante é o apreço, o respaldo, o apoio e o carinho que os colombianos demonstram para com os nossos soldados e o Exército como Instituição.

MR: É possível derrotar as guerrilhas?

GEN MORA: Toda guerra que for travada é para ser vencida. Nossos soldados têm uma clareza absoluta sobre o que significa vencer a guerra: Vencer a guerra não significa acabar com todos os guerrilheiros, tal feito nunca aconteceu em nenhuma guerra. Tampouco significa destruir nossos povos e cidades, causar danos à população pelo emprego dos nossos meios ou da força. Para os soldados da Colômbia vencer a guerra é acabar, é destruir com a vontade de lutar dessas organizações, é demonstrar-lhes que nunca chegarão ao poder na Colômbia. Se conseguirmos isto, se nossas ações bem-sucedidas conseguirem que eles entendam que a única solução ao

conflito se encontra no processo de negociações já apresentado pelo Governo colombiano, então chegaremos à paz desejada.

MR: Algumas palavras para concluir?

GEN MORA: Tenho sido leitor assíduo da Military



Review e por meio dela desejo expressar aos leitores militares de todo o mundo a nossa mensagem de confraternização e esperança do povo colombiano.

Estamos simultaneamente travando uma guerra contra o narcotráfico e os terroristas. Iremos vencer porque os soldados colombianos acreditam na sua causa e sentem o respaldo e o apoio decisivo do nosso povo e da comunidade internacional, que nos olham com respeito e profunda admiração pelo sacrifício que estamos fazendo para salvar o povo da ignomínia e do terror. **MR**